

O CASO DO PEQUENO HANS

Enfoque relacional*

*José Fonseca***

Antes de entrar propriamente na discussão do caso do pequeno Hans, de Freud, gostaria de tecer alguns comentários sobre as influências teóricas que recebi e que resultaram no que denomino *enfoque relacional*.

Em primeiro lugar, ressalto a teoria socionômica de Moreno (1976). Para mim, o que emerge de mais importante na obra do criador do psicodrama é sua filosofia relacional. Concebo os conceitos morenianos como perfazendo uma unidade. Assim, os fenômenos *télicos* estão relacionados ao *encontro* que acontece em um *momento*, com liberação de *espontaneidade*, que por sua vez leva à *criatividade*. A *teletransferência* acontece em relações estabelecidas entre papéis (*papel e contrapapel*) que se vinculam através de *critérios sociométricos*. Os papéis e a teletransferência têm origem na *matriz de identidade*. Ela baliza as idéias de Moreno sobre o desenvolvimento infantil. O conceito de matriz de identidade permite ao psicodramatista contemporâneo — aquele que, além de psicodrama, conhece psicanálise — a fusão da psicologia relacional moreniana com a psicodinâmica psicanalítica. Temos, deste modo, conceitos psicodinâmicos delimitados por uma filosofia relacional, dentro do espírito da obra de Moreno, porém trazendo da psicanálise diversas contribuições para o estudo do

* Este texto é parte do capítulo denominado “Freud, Moreno e a bossa nova”, do livro *Psicoterapia da Relação-Elementos de psicodrama contemporâneo* (Fonseca, 2000).

** Doutor pela FMUSP, editor do International FORUM of Group Psychotherapy, membro do Conselho Diretor da Associação Internacional de Psicoterapia de Grupo (IAGP), professor supervisor pela Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP), coordenador do DAIMON-Centro de Estudos do Relacionamento.

desenvolvimento infantil, que o psicodrama não possui. Em outro sentido, proponho também a releitura da obra freudiana através do olhar psicodramático.

Existe na teoria psicanalítica uma parte eminentemente relacional: transferência e contratransferência (eu-tu), triângulo edipiano (eu-ele[a]) e narcisismo (eu-eu) que interessa preponderantemente neste novo enfoque. Busco uma “fusão”, como a fusão musical (*fusion*), entre a matriz de identidade e a psicanálise relacional, procurando preservar a linguagem psicodramática. Nesse sentido, esta posição não poderá ser compreendida como ecletismo, uma vez que este é um *sistema filosófico formado de elementos colhidos em diversas fontes, sem que se siga exclusivamente nenhuma*. Aqui, segue-se o sistema psicodramático como base da incorporação dos conceitos psicodinâmico-psicanalíticos. Por isso creio que a comparação dessas idéias, no âmbito de um parâmetro musical, tenha mais pertinência com a bossa nova, — que não descaracteriza a musicalidade brasileira mas a transforma — do que com “o samba do crioulo doido”, que algum gentil crítico poderá lembrar.

A partir do exposto, passei a ter uma perspectiva particular do desenvolvimento humano. O fulcro principal dessa compreensão é a psicossociodinâmica relacional do ser humano, onde se incluem as relações desde a *matriz de identidade*, ou seja, desde as relações primárias intrafamiliares, onde se forma a identidade, passando pela internalização desses modelos relacionais, e se exteriorizando novamente nas relações da vida adulta¹.

Ao se falar de relação, fala-se implicitamente de seu par oposto: a separação. Estamos diante de um mesmo processo que inclui os dois pólos. Entre eles existe uma

¹ A estrutura básica dessas idéias consta do capítulo 5, do livro *Psicodrama da loucura* (Fonseca, 1980).

gradação vivencial variável, que dá o colorido de cada relação (ou de cada relação-separação). Existe no desenvolvimento da criança uma dinâmica de relação-separação básica para a formação da personalidade. Vejamos alguns elementos desse processo, estudados por John Bowlby (1982). Tento passar, de forma livre, sem a preocupação de usar a linguagem do autor, o que a leitura desse autor me inspirou. Considero seus ensinamentos como pertinentes também à *psicologia relacional*. Incluo a *relação-separação* como uma dimensão existencial do ser humano. A observação direta do bebê demonstra que ele possui uma clara preferência pela proximidade com pessoas. O bebê não busca só alimento mas, sobretudo, relação. De uma fase em que essa busca é indiscriminada, em que qualquer um serve, a criança passa a expressar preferências (sociometria primária), variáveis em intensidade, numa demonstração de apaixonamento infantil por determinadas figuras de seu mundo. Os outros, aqueles que não fazem parte dos eleitos, são rechaçados com estranhamento, choro e agressividade. De maneira concomitante ao *aprendizado da relação*, a criança realiza o *aprendizado da separação*. Quando a criança é abandonada por uma das figuras de sua eleição, ela apresenta uma série de reações, que podemos dividir didaticamente em quatro fases: na primeira, ao perceber sinais da separação (e durante o início dela), há uma resposta de *ansiedade*, *medo*. Na seqüência, há a manifestação de *raiva*, (agressividade) devido ao desejo contrariado de permanecer na relação. Segue-se, então, a *tristeza* do abandono vivenciado. A última fase, que podemos chamar de *fase resolutiva* ou de *formação de defesas* (ou amortecedores), corresponde à volta ao estado normal (pelo menos, aparentemente) com a internalização da experiência anterior. Assim, se por um lado, este ciclo constitui o aprendizado básico da vida relacional, por outro, ele abre

possibilidades para o aparecimento de um leque variado de defesas — “técnicas”² da personalidade (histéricas, fóbicas, obsessivas, esquizóides, paranóides etc.) — contra a dor da separação e da perda. Bowlby chama este percurso de “caminhos de desenvolvimento”. Esse conjunto de reações psicológicas marca de forma indelével os *eus parciais internos* que estão se formando nesse período, dando origem aos *traços principais e secundários* da personalidade. Essas etapas de aprendizado da relação-separação constituem os alicerces ou a estrutura básica de todas as relações afetivas futuras. O clima do campo relacional será pautado pelos sentimentos (amor, ódio, ansiedade, culpa, tristeza, alegria, ciúme etc.) envolvidos no processo de relação-separação. O resultado dessas influências relacionais na matriz de identidade significará, no futuro, adultos seguros ou inseguros “relacionalmente”.

Também devemos levar em conta que sobre a base primária do “aprendizado” da relação-separação se dá a continuidade do processo de desenvolvimento psicológico. Em outro trabalho (Fonseca 2000), discuto a sobreposição de mais dois períodos do *aprendizado* da relação-separação. Um trata da incorporação do conceito autovalorativo que rege a auto-estima e a percepção discriminativa da estima que os outros nos dedicam. Essa fase corresponde à estruturação narcísica da personalidade. Está assentada na origem do *eu ideal* que baliza a oscilante vivência da criança entre o sentir-se a mais linda, a mais amada, a mais poderosa (relação) e o sentir-se a mais feia, a menos amada e a mais impotente (separação). O outro período corresponde à triangulação ou ao aparecimento do terceiro na anterior relação a dois (mãe-filho). O

² Fairbairn (1975) emprega o termo “técnica” para descrever os recursos psicológicos que a criança utiliza no sentido de estruturar sua personalidade.

terceiro é o facilitador necessário no aprendizado da separação. Dessa maneira quebra-se o ovo simbiótico e ocorre o nascimento psicológico do bebê (separação) — a concretização da identidade. A triangulação, nessa perspectiva, é um processo “relacional” amplo que abriga, como um de seus componentes, o complexo edípico.

No sentido de ilustrar de forma prática as idéias esboçadas acima e observar como a dinâmica da relação-separação pode ser útil no estudo do desenvolvimento infantil, tomo o caso do pequeno Hans, de Freud (1976, pp. 15-54),

Enfoque relacional do caso do pequeno Hans

Em primeiro lugar, vale assinalar um interessante aspecto histórico-relacional entre os participantes do caso: Hans, seu pai, sua mãe e Freud. O casal era admirador de Freud e resolveu observar o desenvolvimento psicológico do filho. A mãe fora paciente de Freud. O pai passa, então, a fazer anotações que remete ao *Herr Professor*. Essas eram recebidas prazerosamente, pois Freud não dispunha de estudos de observação direta da criança, uma vez que suas formulações teóricas procediam do tratamento de adultos. Fica claro, também, o desejo de agradar ao mestre. Existe, segundo o próprio Freud, em *Psicologia das massas* (1967), um clima de enamoramento e hipnose dos seguidores em relação aos líderes. Esse clima explica o fato de o pai “forçar a barra” em algumas interpretações e de Hans, de maneira saudável, resistir a elas. O pai não estava interessado em observar livremente o desenvolvimento psicológico do filho, mas sim em comprovar a teoria psicanalítica. Freud usa com inteligência o material colhido para ilustrar didaticamente seus conceitos sobre sexualidade infantil, angústia de castração e complexo de Édipo.

De maneira inesperada, porém, o menino passa a apresentar sintomas fóbicos, transformando a pesquisa em tratamento, no qual Freud exerce os papéis, pioneiramente, como enfatiza Emílio Rodrigué (1995), de supervisor clínico — recebe as anotações do pai e discute seu conteúdo com ele — e de terapeuta de família — chega a atender pai e filho juntos e já havia atendido a mãe, individualmente, como se disse. O pai, por sua vez, além desse papel específico, acumula o de supervisionando e de terapeuta. O trabalho decorre em um clima transferencial positivo em relação a Freud, que poderá ser constatado em algumas colocações de Hans. Em uma conversa em que o pai pergunta o motivo de seu medo, Hans responde: “Não sei, mas o professor deve saber” (p. 57). Voltando do consultório do dr. Freud, Hans comenta com o pai: “O professor conversa com Deus? Parece que já sabe de tudo, de antemão?” (p. 52). Em um diálogo a respeito da vontade de que sua irmãzinha morresse, o pai lhe diz que “um bom menino não deseja esse tipo de coisa”. Hans responde: “Mas ele pode pensar isso”. O pai: “Mas isso não é bom”. Hans: “Se ele pensa isso, é bom de todo jeito, porque você pode escrever para o professor” (p. 81). Hans: “Estou tão contente, sabe? Fico sempre contente quando posso escrever para o professor” (p. 65).

O relato do caso compreende o período entre os quase três até os cinco anos de idade de Hans. O período do “aprendizado” da relação-separação, segundo Bowlby, decorre, mais ou menos, entre o sexto mês até os cinco anos. Com efeito, vamos observar que ao lado da curiosidade sexual do garoto, apontada por Freud, aparece um material evidente de medo de separação da mãe, do pai e da casa.

Com quatro anos e nove meses, Hans desperta em lágrimas, dizendo para a mãe: “Quando eu estava dormindo, pensei que você tinha ido embora e eu ficava sem a mamãe [...] imagine se eu não tivesse uma mamãe” (p. 34). Essas manifestações não

eram dirigidas somente para a mãe, mas também para o pai: “Imagine se você fosse embora” (p. 34). Vejamos mais um diálogo entre pai e filho: O pai: “Quando você está sozinho, você fica ansioso a meu respeito e vem ter comigo”. Hans: “Quando você está longe, fico com medo de você não vir para casa”. O pai: “E alguma vez eu o ameacei de não voltar para casa?”. Hans: “Você não, mas mamãe disse; mamãe me disse que ela não ia voltar”. O pai: “Ela disse isso porque você fez alguma travessura”. Hans: “Sim”. O pai: “Logo, você tem medo de que eu vá embora porque você foi travesso; por isso é que você vem para junto de mim” (p. 54). O pai parte sempre da hipótese edipiana de desejo-culpa da morte paterna. Sem discordar, quero ressaltar que, concomitante ou anteriormente, existe um desejo-medo mais amplo de separação, indistinto em relação ao pai ou à mãe. Hans atravessa uma fase em que tenta desfundir-se da *matriz de identidade* (sociometria constituída pelos vínculos primários), mas sente medo. Tenta fazer seu reconhecimento como pessoa no mundo (*reconhecimento do eu*) e conhecer as outras pessoas (*reconhecimento do tu*). Nesse momento surge o terceiro, que pelo simples fato de ser um *tertius*, oferece-lhe outra possibilidade relacional: transformar a visão do mundo, a dois, simbiótico, para um mundo mais amplo, a três, introduzindo os primórdios de sua inserção grupal na comunidade. O apaixonamento pelo terceiro é a anestesia do desligamento com o segundo: “Papai, você é tão lindo! Você é tão branco” (p. 63). Hans vivencia o processo da formação da identidade existencial (elaboração do complexo relação-separação), da identidade sexual (aprende a ser homem com o pai) e da identidade sexual relacional (nos jogos e brincadeiras sexuais com os amiguinhos e amiguinhas).

Em seguida, o menino passa a manifestar medo de se distanciar de casa. À noite, fica assustado, chora e deseja ficar no quarto dos pais, o que é interpretado pelo pai

como desejo de estar somente com a mãe. A mãe resolve levá-lo para passear, “a fim de observar o que é que o atormentava” (p. 35). Hans reluta, mas acaba concordando. Durante o passeio, assusta-se, relatando medo de que um cavalo o morda. O pai conclui que o menino padece de uma fobia às ruas, mas o mais coerente seria dizer que ele apresenta uma fobia de sair de casa, pois o medo real é o de deixar a segurança que a sede, a matriz, representa. Freud explica que sua tristeza ao cair da noite é proveniente de uma “certa intensificação de sua libido [...] pois o objeto desta era sua mãe, e seu objetivo talvez tenha sido dormir com ela” (p. 36). Sem desprezar essa hipótese, podemos pensar que a noite simplesmente significa o fim do dia e, por si só, já representa uma separação. O adormecer pode significar o afastamento dos entes queridos, uma despedida dos outros e de si mesmo, uma morte simbólica. Outro aspecto a ser lembrado é a óbvia separação motivada pelo fato de o menino ter sido “exilado do quarto dos pais” (p. 138) quando do nascimento da irmã. Da mesma maneira, podemos compreender que, ao insistir em entrar no banheiro junto com a mãe, Hans não está só interessado em ver a mãe fazer *Lumf* (cocô), mas se desespera em perder o controle visual sobre ela.

Vejamos um sonho de Hans: “De noite havia uma girafa grande no quarto, e uma outra, toda amarrotada; e a grande gritou porque eu levei a amarrotada *para longe* [grifo meu] dela. Aí, ela parou de gritar; então eu me sentei em cima da amarrotada”. O material onírico é interpretado pelo pai como sendo a girafa ele próprio, “ou melhor, o meu pênis grande (o pescoço comprido), e a girafa amarrotada é minha esposa, ou melhor, seu órgão genital”. Podemos pensar genericamente que o sonho reflete, entre outras coisas, ansiedades referentes à separação das “girafas”. No sonho, aparecem dois elementos, as girafas, que são separados por um terceiro, o próprio Hans, realizando

uma triangulação dolorosa. O pai: “Por que foi que a grande gritou?”. Hans: “Porque eu levei para longe dela a pequena” (p. 48). Em outro ponto do sonho, ele se identifica com a girafa pequena ao sentar-se (tomar posse, segundo Freud) sobre ela.

A ansiedade de Hans em relação a separações se amplia. Descobre riscos de perda em situações bizarras. Ao lado de elementos fóbicos, apresenta aspectos obsessivos, no sentido de tentar controlar as ameaças a sua integridade psicológica. Aparentemente, demonstra medo do barulho da descarga do banheiro: “Aqui [em Viena] eu não tenho medo. Em Lainz me dá medo quando você puxa a válvula. E quando eu estou lá dentro e a água corre para baixo, me dá medo também”. Como se vê, o medo não é só do barulho, mas também da água que se escoia, que vai embora (e pode levá-lo junto). Esta manifestação é considerada normal em crianças menores. Ainda em relação à água, teme que a mãe o largue na banheira, podendo afogar-se, como gostaria que acontecesse com a irmãzinha. Desde tenra idade, Hans demonstrou tendência à constipação intestinal, que foi corrigida com orientação alimentar. No período da fobia “a constipação voltou a aparecer com certa freqüência” (p. 65). Trata-se de um sintoma coerente, se levarmos em conta que a vivência predominante do paciente é o medo de perdas e de descontrole, no caso, intestinal. Hans vive uma fase em que trabalha a integração do parcial-total, do dentro-fora, do bom-mau, da fantasia-realidade, do corpo-psiquismo, onde os sintomas que apresenta aos cinco anos são meros acidentes de um percurso que desemboca na construção da personalidade adulta. Assim, as características do funcionamento intestinal deixam de ser biológicas para serem biopsicológicas, ou seja, passam a ser parte do seu *modo* de ser.

As manifestações de ansiedade (desespero), raiva (ódio) e tristeza (depressão), observadas por Bowlby (1981) no processo de separação, podem ser fartamente

reconhecidas no caso do pequeno Hans. No entanto, cabe um comentário em relação ao ódio que está associado, no relato de Freud, ao desejo de morte do pai para se apoderar da mãe ou, quando dirigido a esta, como carregado de “obscuros desejos sádicos” (p. 136). Do ponto de vista relacional, a raiva, em primeira instância, pode ser considerada como expressão direta do abandono. E estaria dirigida tanto ao pai como à mãe. Esse ódio geraria culpa e medo da retaliação (Klein, 1977) por parte dos adultos (cavalos). Acrescente-se o ódio-culpa em relação à irmãzinha. Se isso for válido, estaremos diante de dois tipos de ódio, um direto, primário, dual, e outro mais complexo, competitivo, triangular. As respectivas culpas em relação a ambos os ódios também seriam, por consequência, diferentes. É claro que se poderá argumentar que, em uma situação de abandono (a dois), o “terceiro” está sempre implícito, e o complexo de Édipo (triangulação) já nasce com o homem. Mas esse é um ponto da psicologia onde, talvez, valha mais o credo do que a observação clínica. Moreno (1977) acredita que o enfoque psicanalítico do drama edípiano é correto na medida em que considera o complexo de Édipo como uma reação individual. Porém, para representar o drama completo, seria necessária uma análise de todas as interações em jogo. Deveria haver um estudo do ponto de vista de cada um dos envolvidos na rede “relacional”. Assim, teríamos um complexo de Édipo, um complexo de Laio e um complexo de Jocasta.

Ao lado da conotação edípica que a interpretação freudiana dá ao cavalo, devemos lembrar que, naquela época, muito mais que agora, os equinos eram símbolo de movimento, viagem, mudança, partida, despedida, abandono etc. Não é à toa que Hans refere medo não só dos cavalos em si, mas também das carruagens, das carroças de mudanças: “Também fico com muito medo das carroças de mudança” (p. 58) e dos ônibus — ou seja, de qualquer objeto intermediário de um possível abandono. Existe

uma referência à “despedida” no texto: “Quando Lizzi [uma amiguinha] tinha de ir embora, havia uma carroça com um cavalo branco em frente à casa dela, para levar a bagagem à estação” (p. 40). O mesmo episódio em edições anteriores a 1924 assinala que quem parte é o pai: “Um pai, na partida dele, dirigira-se a sua filha[...]” (rodapé da p. 126). Neste episódio, há ainda uma associação entre separação e mordida de cavalo. O pai diz para a filha: “Não ponha o dedo no cavalo, se você puser, ele vai morder você” (p. 126).

Dessa maneira, não seria surpresa se Hans passasse a apresentar também medo de trens e de navios. O próprio Freud não refuta essa possibilidade, dizendo que a imaginação do menino “estava avançando de cavalos que puxam veículos para ferrovias. Da mesma forma, uma fobia de estrada de ferro finalmente se torna associada a qualquer fobia de rua” (p. 92). Devemos lembrar, a propósito, que a Nordbahn — a ferrovia setentrional — passava atrás da casa da família. Na frente, havia um depósito onde com frequência entravam carroças para serem carregadas. O menino sofria, portanto, um estímulo constante em relação a sua fobia: “Tenho medo de ficar ao lado da carroça e ela partir rápido, e de ficar de pé nela e querer passar para o galpão [a rampa de carregamento], e então a carroça me levar quando sair” (p. 57).

Freud refere que a palavra *wegen* (por causa), pronunciada várias vezes em uma brincadeira na qual crianças imitavam cavalos, “foi o meio que favoreceu a fobia estender-se, desde cavalos, até *Wagen* [veículo], ou *Wägen* [que se pronuncia exatamente como *wegen*] [...]” (1977, p. 68). O enfoque relacional deixa essa explicação de lado, pois encara a fobia de Hans como a exacerbação patológica de uma fase normal do desenvolvimento neuropsicológico: o aprendizado da relação-separação. Em decorrência disso, os intermediários simbólicos (veículos) de separação despertam

pavor no pequeno paciente. Devemos valorizar, portanto, como fatores intervenientes, algumas situações relacionais ameaçadoras de ruptura vincular na vida do menino: a separação da mãe quando do nascimento da irmã, a conseqüente saída do quarto dos pais, as ameaças de abandono da mãe e, quem sabe, o suposto trauma da amigdalectomia, que discutiremos adiante. Ainda em relação aos veículos, podemos imaginar que, se Hans fosse um menino de nossos tempos, com certeza incluiria em sua fobia o medo de carros, caminhões e aviões. A própria mordida do cavalo, fosse para arrancar um pedaço qualquer do corpo, fosse o próprio “pipi” do menino (angústia de castração), representaria a perda de uma parte e, portanto, uma separação. Aliás, a mãe não era nada tranquilizadora ao dizer que “se fizer isso de novo [tocar o pênis], vou chamar o doutor para cortar fora o seu pipi” (p. 17). Hans atravessava uma fase em que a identidade (existencial e sexual) estava se estruturando. Nesse período, a discriminação entre o parcial e o total é tênue, de maneira que perder uma parte pode significar perder o todo — a própria identidade. Nessa linha, um fato não devidamente valorizado refere-se à operação de amígdalas a que Hans foi submetido. Uma semana depois da cirurgia, seu pai observa: “[...] sua fobia aumentou de novo, agravando-se muito mais. Ele vai até a varanda, é verdade, mas não sai para passear. Quando chega até a porta da rua, vira-se rapidamente e volta” (p. 40). Fora o aspecto de lhe terem arrancado, literalmente, uma parte de si mesmo, em um período em que estava muito sensível à perda, vale a pena analisarmos outra possível separação envolvida: a dos pais. Bowlby (1981) chama a atenção para a traumática experiência da internação de crianças no Reino Unido, em meados do século XX. As crianças eram entregues ao hospital, só retomando contato com os pais quando da alta. Não eram permitidas visitas. Levando-se em conta que os costumes britânicos não deveriam ser muito diferentes dos germânicos

do início do século XX, podemos imaginar que Hans passou maus bocados durante essa “cirúrgica” separação.

O enfoque relacional do caso do pequeno Hans revela uma atitude filosófica distinta da adotada pela psicologia freudiana. O caminho do “aprendizado” da relação (vida)-separação (morte) é central na abordagem relacional, constitui a base existencial do desenvolvimento humano; precede, em importância filosófica, a posição que a psicanálise freudiana dá à sexualidade. Esta continua sendo um importante canal relacional do ser humano, mas deixa de ser a pedra angular de um sistema psicológico. A angústia de castração torna-se, por sua vez, derivada do “medo-raiva-tristeza” da separação. Por fim, o complexo edípico aparece englobado no processo de triangulação que coordena a passagem do relacionamento dual (*simbiose e relações em corredor*) para o triangular.

Felizmente, Hans melhora: “Sua melhoria tem sido constante. O raio de seu círculo de atividades, tendo a porta da rua como centro, torna-se cada vez maior. Chegou até a levar a cabo a façanha, que até agora lhe tinha sido impossível, de atravessar correndo até a calçada em frente, do outro lado” (p. 63). Isso lembra a referência sobre o percurso do ser humano na vida como sendo um movimento que parte da barriga da mãe, vai para o colo, depois para o chão, para o quintal, para o quarteirão, para o bairro, para a cidade e para o mundo, porém permanecendo sempre uma saudade da antiga “casa”. Assim foi com Hans: cresceu, enfrentou a separação conjugal dos pais quando adolescente, mais tarde trocou seu país pelos Estados Unidos, onde chegou a ser diretor cênico do Metropolitan Opera House de Nova York. Mas algumas vezes lembrou-se daquele período da infância que o tornou famoso e procurou

o *Herr Professor* em 1922, assim como sua filha, Anna Freud, em 1970, dizendo: “Eu sou o pequeno Hans”.

Não poderia fechar estas considerações sem ressaltar o momento mais psicodramático do relato. Assim, o pai de Hans o descreve: “Durante algum tempo, Hans tem brincado de cavalo, no quarto; ele trota, deixa-se cair, esperneia com os pés e relincha. Certa vez prendeu no rosto um saquinho, parecido com a sacola de focinheira dos cavalos. Repetidamente vem correndo até mim e me morde”. E dessa maneira o “psicodramatista” Sigmund Freud comenta a força da dramatização: “Desse modo, ele aceita as últimas interpretações com mais determinação do que lhe era possível fazer com palavras, mas naturalmente mediante uma troca de papéis, uma vez que o jogo se desenrolava em obediência a uma fantasia plena de desejo. Por conseguinte, ele era o cavalo e mordida seu pai; assim, ele se identificava com seu pai” (p. 61).

Referências

1. Bowlby, J. *Loss: sadness and depression. Attachment and loss*, vol. III. Nova York: Penguin Books; 1981.
2. Bowlby, J. *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes; 1982.
3. Fairbairn, W. R. *Estudio psicanalítico de la personalidad*. Buenos Aires: Hormé; 1975.
4. Fonseca, J. *Psicodrama da loucura*. São Paulo: Ágora; 5ª ed., 1980.
5. Fonseca, J. *Psicoterapia da relação. Elementos de psicodrama contemporâneo*. São Paulo: Ágora; 2000
6. Freud, S. *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos: O pequeno Hans*. Pequena Coleção das Obras de Freud, livro 34, Rio de Janeiro: Imago; 1977.
7. Klein, M. *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago; 1997.
8. Moreno, J. L. *O psicodrama*. São Paulo: Cultrix; 1976.
9. Rodrigué, E. *Sigmund Freud: O século da psicanálise 1895-1995*. São Paulo: Escuta; 1995.